

PAIVA, Marcelo Rubens. *O novo agora*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2025.

Mayara de Andrade Calqui

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo | SP | BR

mayaracalqui@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-2145-867X>

Abrigado na prateleira “parentalidade”, *O novo agora* apresenta reflexões de um autor maduro. O estilo direto e sincero de Marcelo Rubens Paiva faz de seu mais recente livro um diário aberto e, como em todo bom diário, suas páginas revelam ao leitor muito mais do que uma vivência singular, apontando simultaneamente para certos modos de pensar e existir comuns à sua época e recorte social.

Mais uma vez, Paiva divide com o leitor momentos de sua história pessoal e familiar. Em *Feliz ano velho*, publicado em 1982, o jovem Paiva narrou o período subsequente ao acidente que o deixou tetraplégico; algumas décadas depois, foi a vez de narrar a história da família, tendo como fio condutor a figura da mãe, Eunice Paiva, em *Ainda estou aqui*, de 2015.¹

Ao lado dos marcos de desenvolvimento dos filhos e dos relacionamentos do autor, os temas do carnaval de rua do bloco do baixo Augusta vão funcionando como fio condutor das memórias, emaranhando aspectos singulares e coletivos ao longo de toda a narrativa. Embora mencione relacionamentos românticos, o erotismo da juventude é atenuado, dando espaço para desejos e realizações de outra ordem, sobretudo profissionais e parentais.

A literatura de Marcelo Rubens Paiva é constantemente marcada por traços do jornalista, que emerge em trechos nos quais as recordações narradas ganham lastro em pesquisas ou narrativas históricas e políticas. No campo coletivo, o arco temporal de 2014 a 2024 compreende importantes mudanças políticas no Brasil; destacam-se, entre elas, a saída do PT da presidência, a entrada de Bolsonaro e a pandemia de Coronavírus, com suas subsequentes implicações sociais e culturais.

No plano singular, acompanha-se o nascimento e os primeiros anos de desenvolvimento dos filhos de Marcelo Rubens Paiva: Loro (Lourinho, Marte, Paivinha) e Moreno (Moreninho). Essa constelação de apelidos e nomes familiares, ao lado do registro de escolhas vocabulares peculiares anotadas pelo pai orgulhoso, lembram que, no campo privado, o que comanda são os afetos.

Em momentos de evocação metaficcional, ao questionar-se acerca de sua própria escrita, revela seu ponto de vista sobre um dos assuntos em voga nas discussões no âmbito

¹ *Ainda estou aqui* foi adaptado para o cinema em 2024, com direção de Walter Salles. O filme obteve ampla repercussão, tanto de crítica quanto de público, sendo premiado em festivais nacionais e internacionais. Entre os reconhecimentos, destaca-se o Oscar de Melhor Filme Internacional (2025).

da literatura contemporânea: a autoficção. Quando reflete sobre a pretensão envolvida no ato de escrever a respeito da própria vida, Paiva conclui que o escritor o faz “[p]orque considera interessante o que aconteceu, e a maneira como lidou com os problemas merece ser contada. Mesmo que reinvente um pouco, para dar mais dramaticidade” (Paiva, 2025, p. 33). Nessa direção, apresenta-se em consonância com a posição de Serge Doubrovsky, considerado o precursor da autoficção, que conceitua a essência do gênero como “ficção, de fatos e acontecimentos estritamente reais” (Doubrovsky, 2014, p. 123).

Pode-se considerar, ainda, na esteira da psicanálise, a função de sublimação e catarse mediadas pela cultura, evidenciada tanto na criação artística quanto na fruição da obra (Freud, 1908). Enquanto o devaneio figura como um recurso psíquico por meio do qual o adulto encontra uma continuidade do prazer lúdico da infância, no artista esse processo é elaborado e transformado em linguagem figurativa, capaz de despertar prazer também no outro. A organização interna da obra, marcada por elaboração e ordenamento, aproxima-se de uma concepção de literatura como espaço de leitura de si e do mundo – perspectiva que ressoa na defesa da literatura como um direito humano fundamental, conforme propõe Antonio Candido (2004).

Esse movimento de sublimação parece ser intuído pelo próprio autor, como se observa no seguinte excerto: “Por que não paro? Porque elaboro os horrores do passado e dilemas do presente através da arte. Jogo pra fora, reparto. Como faço agora” (Paiva, 2025, p. 219). Desse modo, o esforço do escritor equipara-se figurativamente ao empreendido pelo casmurro Bentinho, na tentativa de “atar as duas pontas da vida” (Assis, 1952, p. 8), em uma revisão mediada por afetos e reflexões acerca do vivido.

Em *O novo agora*, a figura do pai, Rubens Paiva,² surge como esteio, cuja presença se afirma, paradoxalmente, a partir da constatação de sua longa ausência (como ocorre igualmente nas demais obras autoficcionais mencionadas). Trata-se de uma escolha afetiva e, também, política de Marcelo.

Com a inversão de papéis, ao tornar-se pai, ele pondera sobre os vínculos estabelecidos com os filhos, a partir de um olhar consciente da ambivalência nas interações humanas. Estabelece paralelos entre a sua vivência e a dos filhos, considerando as restrições a eles impostas, entre outros exemplos, nas passagens: “O pai cadeirante os obrigou a um comportamento diferente, assim como um pai morto me obrigou: a crescermos mesmo enquanto somos crianças” (Paiva, 2025, p. 217) e “Se tive que conviver com um pai sempre em fuga por conta de suas ideias políticas, eles que convivam com o fato de o pai deles ter limitações” (Paiva, 2025, p. 103).

Marcelo Rubens Paiva não tem medo da exposição, tampouco de mostrar-se vulnerável. O autor acerta ao estabelecer uma ponte direta com o leitor, que teve a chance de sensibilizar-se, por meio de sua literatura, com seu acidente, na década de 1980 e, mais recentemente, com a história de fortaleza de Eunice Paiva. Desta vez, acompanha, em *O novo agora*, outra fase de sua vida, igualmente repleta de traços mnêmicos tanto singulares como coletivos. Considerando a noção dos quadros de memória de Maurice Halbwachs (2006), tem-se que a memória do indivíduo só pode ser pensada em relação à coletiva, em função das influências exercidas pelo meio social. Nesse sentido, ao escrever sobre si, Marcelo Rubens Paiva escreve, ao mesmo tempo, um retrato do Brasil contemporâneo, marcado por dificuldades e restrições ao fazer cultural, mas também pela solidariedade entre as pessoas.

² Rubens Paiva (1929-1971) foi deputado federal e militante pela democracia. Preso e morto pela ditadura militar brasileira, tornou-se símbolo das vítimas da repressão política no país.

Além de tudo, nessa obra acrescenta-se à escrita a leveza que só as crianças podem empregar às agruras do cotidiano. Lembrando que “o mundo é bão”, refrão de Nando Reis entoado por um dos pequenos e que pode ser lido como mote de *O novo agora*, parece que, nesse momento, Paiva pode enfim alcançar a certeza de que o mundo é “bão”, a despeito do que revelem os noticiários. Satisfeito com a fatura dos acontecimentos recobrados, afirma ter descoberto o “mais refinado amor”, concluindo: “Consegui, penso comigo. Conseguimos. Eles têm uma boa vida” (Paiva, 2025, p. 268). Marcelo Rubens Paiva conseguiu, uma vez mais, transformar em literatura a matéria de sua vida.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. [1899]. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1952.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro Sobre Azul, 2004.
- DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita (org.). *Ensaaios sobre a autoficção*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 111-125.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios [1908]. In: FREUD, Sigmund. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira. v. IX. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135-143.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *O novo agora*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2025.